

• SÉRIE REDEMPTION HILLS •



Dá-me uma Razão

TOP
SELLER

A. L. JACKSON

Capítulo Um

Trent

Faltava pouco para as dez quando entrei com a minha mota no parque de estacionamento lotado em frente ao clube noturno.

A noite já tinha caído há muito tempo na pequena cidade de Redemption Hills, na Califórnia. O céu lá em cima não passava de um cobertor negro. Contra ele, as luzes néon reluziam e brilhavam do prédio de dois andares, como sentinelas de devassidão, piscando sobre as fileiras de carros e motas alinhadas perto da entrada.

Parei à porta e apoiei as botas no chão para poder recuar com a mota. Desligando o motor ribombante, empurrei o descanso lateral com o pé e pus-me a andar. O brilho das luzes da discoteca e o som da música pesada passavam através das espessas paredes de cimento.

Acendi um cigarro e avancei para a entrada, com as botas a ecoar na gravilha solta a cada passo.

— Sr. Lawson. — O Kult baixou a cabeça quando me aproximei.

A atenção agitou as pessoas à porta, esperando para entrar, à medida que eu avançava pela multidão.

— Kult — respondi, ao chegar ao seu lado.

— Como está hoje, senhor?

— Continuo vivo.

Riu-se.

— É tudo o que podemos pedir, não é?

O Kult era um segurança que passara os últimos quatro anos a trabalhar para mim. Intimidante como tudo. Leal até aos ossos. Exatamente o que era exigido.

Pisei o meu cigarro com a biqueira da bota enquanto examinava o local.

— Tudo sossegado esta noite?

— Por enquanto, senhor — respondeu o Kult, cujo físico entroncado nunca baixava a guarda.

— Tal como eu gosto — afirmei, passeando o olhar pelos rostos de quem se virara para me ver. Era como se toda a gente ali se tivesse dado conta da minha presença. Cada olhar compelido a virar-se na minha direção.

O meu pai sempre dissera que o respeito não se conquista, impõe-se. Era preciso detê-lo.

Possuí-lo.

Por mais que tenha desprezado aquele porco, pelo menos acertara numa coisa.

O modo como todas as pessoas tinham mudado de postura era prova disso. Estavam agora tensas. Como se uma dose de autoproteção tivesse sido injetada na sua corrente sanguínea.

Senti a mudança no ar sórdido, estagnado.

Sempre achei irónico o facto de todos parecerem desesperados pela promessa presente no sinal azul néon pendurado na fachada do edifício.

Absolution.

A absolvição de quaisquer pecados dos quais estivessem a fugir.

A absolvição das eventuais decisões que pudessem tomar nessa noite.

A absolvição de sentir o que quer que seja, exceto prazer.

Ainda assim, ficaram pasmados a olhar para mim no meio da sua sede por satisfação. Sentiram uma maldade presente.

Não estavam enganados.

— Lotação máxima? — perguntei. Havia pelo menos vinte pessoas na fila, mas fazia questão de saber tudo o que se passava na minha discoteca.

— Sim, senhor, desde as nove, mais ou menos.

— Boa.

— Como sempre. — Sorriu por trás da barba.

Ergui o queixo em sinal de despedida antes de passar por trás dele para atravessar as portas duplas e seguir para o brilho sujo do bar. A música disparava pelas colunas e reverberava pelo chão. Preparava a atmosfera antes da banda que iria entrar em palco dali a cerca de uma hora.

O Absolution era uma mistura entre bar de luxo e tasca local.

Levava bandas brutais e tinha as melhores bebidas nesta pequena cidade popular na montanha, localizada no canto mais a noroeste da Califórnia.

Era um bar motard que fazia o resto de Redemption Hills vir a correr aos magotes por uma oportunidade de sentir o gosto do perigo que sentiam dentro destas paredes, continuando a poder virar-lhe costas na manhã seguinte sem uma réstia de culpa.

Avancei mais para dentro do meu bar.

O lugar que construíra do zero, com alguma ajuda dos meus irmãos.

A minha atenção percorreu a divisão enorme. As luzes que pendiam do teto cavernoso eram fracas. Incitavam à desinibição.

O piso térreo estava repleto de espaços para sentar encostados às paredes, com mesas e sofás nas áreas comuns. O palco e a pista de dança ficavam mais à direita.

O piso de cima abarcava as mesas de snooker e um segundo bar em forma de ferradura, que criava uma varanda aberta no meio, com vista para o palco.

Dirigi-me ao longo balcão preto-fosco que atravessava a parede mais ao fundo do piso principal.

As prateleiras flutuantes na parede traseira eram de aço soldado e vidro, enfileiradas de cima a baixo por garrafas a brilhar num tom azul-néon.

Contornei os casais aninhados nos sofás e alguns grupos de universitários que estavam claramente a tentar saborear o lado selvagem.

O Sage estava atrás do bar. Ao ver-me, ergueu o queixo para me cumprimentar. As suas tatuagens escuras pareciam demónios furiosos a contorcerem-se na pele ainda mais escura dele. Tudo naquele tipo era ameaçador, exceto o sorriso que lhe surgiu no rosto.

— Ei, Trent. Já estava na hora de meteres cá os pés, seu preguiçoso.

Mostrou um sorriso todo presunçoso ao servir-me o meu habitual. Sentei-me no banco à sua frente e ele fez o copo deslizar na minha direção.

Recebi-o com um sorriso irónico e bebi um gole de whisky, deixando-o acalmar a agitação violenta interior que não conseguia conter. Tal como sempre. A implorar por libertação.

— Vais fazer queixa por me ter atrasado? — troei, arqueando uma sobrancelha.

O otário adorava fazer de patrão.

Tendo em conta que mantinha o sítio a funcionar na minha ausência, bem que podia sê-lo.

O Sage soltou uma gargalhada de pura pena.

— Dispenso. Já tenho trabalho suficiente a limpar as tuas alhadas.

Vais mesmo pedir-me para aceitar mais uma responsabilidade?

Inclinei o copo para ele.

— És o único em quem confio para o fazer.

— Se calhar está na hora de começar a encostar-me, não? — provocou, com um sorriso.

— Nem pensar. Este sítio ficaria em ruínas sem ti. Como estão as coisas esta noite?

Secou as mãos com uma toalha. O Sage era o meu gerente-geral, mas adorava fazer de bartender. Colocava-o numa posição frontal e central, onde podia manter sempre os olhos e os ouvidos atentos. Estar dentro do acontecimento. Integrar-se, para o resto do staff o ver como um deles e baixar a guarda.

Era sempre o primeiro a saber quando alguma coisa duvidosa se passava.

Além disso, gostava genuinamente de pessoas, o que era um ponto a favor.

— Tudo na boa. As entregas estão completas e contabilizadas. Os cofres estão cheios. Tens os valores na tua secretária. A banda está lá atrás, pronta para dar tudo. Todos os funcionários apareceram menos a Laila; que surpresa. Por falar nisso, tens uma pessoa à tua espera para fazer uma entrevista. Recusou-se a sair até te ver, só para que saibas o que vais enfrentar.

Os seus olhos castanhos cintilaram quando sorriu e apontou para uma das mesas encostadas à parede esquerda.

Deixei a minha atenção vaguear para lá, até à loura sentada à mesa a bebericar uma *Coca-Cola*, com um ar tão deslocado que consegui sentir o seu desconforto de onde estava sentado.

Franzindo o sobrolho, voltei a minha atenção de novo para o Sage.

— Estás a gozar comigo? Quem é que a deixou entrar?

Reprimindo uma gargalhada, encolheu os ombros:

— Fui eu.

Soltei um suspiro de irritação.

— Um olhar devia bastar para perceberes que ela não pertence aqui.

Credo, a miúda parecia carne crua deixada aos lobos. Fraca e pronta para a matança. Seria esfrangalhada num sítio como este.

O facto de a minha pila ter dado um salto aovê-la era prova suficiente.

— Além disso, só faço entrevistas por marcação — adicionei, como se ele não soubesse o procedimento.

O Sage levantou as mãos para os lados.

— Olha, mano, não me culpes a mim. Ela ficou ali sentadinha na mesa e pediu uma bebida. Está a consumir e tudo. Pronto, pode estar ali sentada desde as *três*, recusando-se a sair até poder falar com a pessoa responsável, sabes, já que o *patrão* não apareceu para a entrevista que estava marcada a essa hora.

— Merda — resmunguei, esfregando a cara com a mão. — Escapou-me completamente.

O Sage arqueou uma sobrancelha sarcástica.

— Ah, foi?

— Podias ter tratado disto.

— Eu fui lá e ela mostrou-me um sorriso radiante e pediu por favor. Sou um cavalheiro, o que é que iria fazer? Além disso, não quero essa posição, lembras-te?

Cavalheiro?

Ri-me ironicamente e levantei-me.

— Está bem. Eu livro-me dela.

Peguei na minha bebida e avancei na sua direção.

A rapariga estava virada para o bar, com a atenção a disparar para todo o lado. A ansiedade emanava dela e enviava pequenas ondas de choque que pulsavam no ar.

Era um formigueiro de energia nervosa que borbulhava e explodia.

Inspirando fundo, pus o meu ar mais indiferente porque, porra... conseguia senti-la como uma presa.

Bondade.

Vulnerabilidade.

Era melhor mandar lá o Kult para a meter na rua, porque tive a sensação de que deveria meter o rabo entre as pernas e correr na direção oposta. Manter-me o mais longe possível desta miúda.

Sabia que não me devia envolver numa coisa daquelas. Quando uma má ideia aparecia diante dos meus olhos, costumava dar por mim mesmo à sua frente como se fosse o maldito comité de boas-vindas.

E ali estava eu. Atingido por uma ânsia que me fazia querer olhar mais de perto. Um sentimento que não tinha há muito, muito tempo.

Que me fazia querer mergulhar os dedos em algo puro. Como se isso pudesse oferecer-me um segundo de alívio daquilo que eu era.

Mas parei?

Não.

Fui atraído.

Aproximei-me.

O problema foi achar que nunca tinha visto ninguém com uma simplicidade tão única e tão indecentemente deslumbrante.

O nariz dela talvez fosse um pouco grande e os contornos do seu rosto demasiado afiados para encaixar naquela fórmula perfeita de beleza. O cabelo espesso e louro estava dividido ao meio e encaracolado numas ondas volumosas que caíam sobre os seus ombros, num estilo de outros tempos.

Tinha o queixo em forma de coração e a sua boca era um lacinho cor-de-rosa, marcada por uma inocência tão doce que me pareceu haver a mínima possibilidade de nunca ter sido devorada antes.

Cheguei à conclusão rápida de que a junção de todos esses traços era o que a tornava atraente.

Aquele tipo de beleza estoica conseguia deixar um homem cruel de joelhos.

Sentiu-me chegar tal como todas as outras pessoas. Um arrepiô percorreu o ar enquanto me dirigi a ela. Olhou para cima. Uns olhos da cor de novembro fitaram-me. Um caleidoscópio em tons de castanho, verde, amarelo e vermelho. Como folhas caídas que brilhavam e reluziam debaixo da luz fraca e enviavam outro arrepiô disparado para a minha pila.

O seu olhar desceu pelo meu corpo, como se estivesse a catalogar tudo o que conseguia sobre mim.

Antes de mais, medo.

Perigo.

Desconfiança.

Linda menina.

O problema era a forma como outra coisa irrompeu no espaço entre nós. Algo palpável, mas impercetível.

Vi a prova disso espalhar-se num formigueiro à superfície da sua pele.

Arrepios desenfreados.

Porra.

Levantou os ombros como se pudesse proteger-se enquanto erguia o queixo para mostrar confiança, levando o meu canto da boca a formar um sorrisinho.

Não passava de uma gatinha feroz.

Sentei-me no lado oposto da mesa. Com o ar mais casual possível, apoiei um braço nas costas do banco e mantive a outra mão a envolver o copo que pousara na mesa.

Antes de conseguir dizer alguma coisa, ela perguntou:

— É o dono?

A sua voz era ofegante, sedutora, e, porra...

— Sim — respondi com os dentes cerrados.

A mão dela atravessou a mesa.

— Olá. Chamo-me Eden Murphy. Estou muito grata pela oportunidade de o conhecer.

Pois, bem, eu não estava assim tão interessado em conhecê-la, porque fui dominado por um acesso severo de luxúria. O tipo de desejo que agitava os meus dedos e fazia a réstia de consciência que ainda possuía dizer-me para me manter bem longe da doçura que invadia as minhas narinas como uma droga.

O meu sexto sentido pessoal.

Porque, para um tipo como eu? A luz é que era o perigo. Era o que me deixava vulnerável. O que me colocava em risco.

Limitei-me a fulminar a sua mãozinha delicada com o olhar, como se tudo o que tivesse para oferecer fosse uma dentada de víbora. Depois inclinei a cabeça e cuspi a resposta:

— Trent Lawson, e lamento desperdiçar o teu tempo, querida, mas não estamos a contratar empregadas de mesa.

Comecei a pirar-me dali quando a voz dela me atingiu de novo.

— Hum... Espere... O quê?

Consegui sentir o seu desânimo confuso flutuar à minha volta.

A agarrar-se.

Garras a espetarem-se na minha pele e a puxarem-me de volta.

Uma torrente de palavras começou a jorrar atrás de mim.

— O anúncio da vaga dizia que estavam a contratar, e eu tinha uma entrevista marcada para as três da tarde de hoje. Sou qualificada. Trabalhei num café durante todo o liceu e num café-bar durante a faculdade.

— Tu e toda a gente, fofinha — atirei sem me virar para trás, porque olhar para ela se tinha tornado algo perigoso.

Esta miúda com os olhos de outono e o coração palpítante.

— Por favor, agradecia que pelo menos falasse comigo. — A agitação unia as suas palavras à medida que eu continuava a afastar-me. Depois, inundaram-se com o pânico. — Sou qualificada e rápida... e... dancei a minha vida toda.

Virei a cabeça depressa o suficiente para testemunhar o tremor delicado na sua garganta ao dizê-lo, como se talvez ainda conseguisse engolir as palavras depois de as ter libertado.

Soltei um riso sombrio.

Estaria a falar a sério?

Voltei a afundar-me na mesa, sem fazer ideia de onde esta miúda pensava que ia chegar com isto, mas uma parte doentia de mim gostava demasiado dessa ideia.

— Então, fala-me dessa dança, gatinha, que tens feito *a vida toda*.

Ela estremeceu e a sua garganta delicada subiu e desceu ao engolir em seco, com dificuldade a arrancar as palavras cá para fora.

— Faço ballet desde que sou pequena — disse. — Agora dou aulas a crianças.

Uma gargalhada seca arranhou-me a garganta.

— Ballet?

— Sim. Posso demonstrar, se quiser. — O seu ar desafiador fê-la tombar a cabeça para o lado ao dizê-lo.

Gargalhadas valentes escaparam-se-me, dei um gole no meu whisky e percorri o lábio inferior com os dentes, recostando-me ainda mais para a observar.

— Gostava de saber o que esta dança tem que ver com a tua contratação como empregada de mesa aqui. Isto parece-te um clube de strip?

— Não. Apenas... pensei que pudesse... — Parou de falar, mordendo o lábio inferior.

Arqueando uma sobrancelha, deixei o meu olhar passear descadamente por cada centímetro do seu corpo que conseguia ver por cima da mesa. A rapariga estava a usar uma maldita blusa azul-bebé, abotoada até à garganta, com um blazer por cima como se estivesse a candidatar-se para caixa no banco local.

Era sexy como tudo, mas estava muito longe de encaixar aqui, embora pressentisse que estava a tentar convencer-me de que não era o caso.

Podíamos não ter dançarinhas, mas não era segredo nenhum que as nossas empregadas não se acanhavam para aliciar a imaginação. Para levar as mentes ao desejo com um bocadinho de pele, em vez de mostrarem tudo o que tinham escondido por baixo.

Eram intocáveis, vagueando como anjos caídos por entre a alcateia esfomeada.

A miúda sentada à minha frente podia ser um anjo, mas não daqueles que dominava esta pista.

O meu riso cortante assemelhou-se a lâminas.

— Desculpa, gatinha, percebo perfeitamente o que estás a dizer. Acho que podemos concluir que não encaixas propriamente neste sítio.

A ofensa que chispou no seu olhar quase se sobrepôs ao desespero.

— E isso quer dizer o quê, exatamente?

Pus-me de pé, apoiei as mãos sobre a mesa e inclinei-me na direção dela.

Fui atingido por mais uma onda de choque de energia.

Aquele medo e desconfiança.

Mas, desta vez, a outra parte era inconfundível — uma atração forte e aterrorizada.

A minha boca aproximou-se da sua orelha.

— Quer dizer que serias comida viva.

Por mim, muito provavelmente.

Arrepios percorreram-lhe a espinha.

Senti-os.

Os nervos dela fizeram ricochete contra os meus.

Tive de me conter para não me inclinar e lamber-lhe o maxilar.

Porque, porra, queria prová-la com os meus próprios lábios.

Recuei um centímetro, presumindo que ela fosse escapar para o vazio e fugir a sete pés para um sítio seguro.

Mas não.

Esta miúda não.

Voltou a erguer o seu queixo desafiador.

— Sou muito menos frágil do que pensa.

Inalei o seu aroma a mel. Tive de me obrigar a ser um menino bem-comportado, já que estava mortinho para testar essa teoria.

— Acredita em mim, querida, estou a fazer-te um favor. Miúdas como tu não pertencem a um sítio como este. Agora vai para casa e fecha a porta atrás de ti antes que te arrependas de teres entrado no meu espaço.

— Costuma ser sempre assim tão condescendente com as mulheres que se candidatam para trabalhar aqui?

Desejo e desprezo.

Estavam a escorrer pela sua pele.

Desta vez, deixei o meu nariz percorrer o contorno da sua orelha ao sussurrar:

— Só com aquelas que se parecem contigo.

Afastei-me e comecei a andar, e depois fiquei petrificado. Fui atingido pelo relâmpago que me trespassou o corpo quando a sua mão envolveu o meu pulso.

Ficou boquiaberta, como se também o tivesse sentido. Depois, disse com os dentes cerrados:

— Não preciso da sua proteção, Sr. Lawson. Preciso deste emprego.

Capítulo Dois

Eden

Acenderam-se chamas no ponto onde o tinha agarrado pelo pulso. O calor estalava, queimando-me pelo braço acima e espalhando-se como um incêndio súbito no meu peito. Deixou o meu coração a palpitar desenfreadamente, numa confusão, num caos e numa avidez que não conseguia imaginar que este desconhecido pudesse invocar.

No segundo em que entrara pelas portas deste clube, soube que estava a entrar num território perigoso. A dançar em direção ao covil do diabo.

Este tipo tinha razão.

Provavelmente seria comida viva. Não pertencia ali. Não encaixava. Não que quisesse encaixar ou tivesse vergonha da tensão que aquele sítio me fazia sentir. Estava completamente fora do meu elemento.

Mas não tinha escolha.

Havia alturas na vida em que era preciso engolir o sapo e fazer o sacrifício. Em que saímos da nossa zona de conforto se isso pudesse ajudar aqueles que nos são mais importantes.

Mesmo se os meus esforços fizessem apenas uma ínfima diferença na vida do meu pai, teriam valido a pena.

Apertei mais o pulso dele enquanto o seu olhar me fulminava, como se me fosse arrependido da audácia de lhe ter tocado.

Não havia dúvidas de que iria.

Engoli o orgulho, o medo e a apreensão, e tentei meter um ar corajoso.

— Por favor.

A sua sobrancelha sombriamente bela arqueou-se de incredulidade.

— Com que então, a bailarina precisa de um emprego.

Estava a troçar de mim. Conseguí ouvir o sarcasmo a deslizar pela língua dele. A lançar o isco para o seu anzol.

Porque é que lhe tinha dito aquilo? Mas era esse o problema de se estar desesperado.

Dizemos tudo — fazemos tudo — para ajudar quem amamos.

— Pois precisa.

— E ela tem... outros talentos?

Mostrou um sorriso ameaçador.

Fez mais uma onda de arrepios percorrer-me a pele. Reviou-me o estômago, agitando-o com uma sensação que não queria reconhecer. Como se todas as terminações nervosas no meu corpo tivessem despertado de repente.

— Como disse, fui empregada de mesa durante muitos anos e aprendo rápido tudo o que não sei. Tenho a certeza de que me irá ensinar o que quer que isso seja.

Não consegui esconder a rispidez no meu tom. Nada parava a forma como os meus pelos se arrepiavam. A forma como ele me fazia sentir algo que não conseguia identificar.

Como se estivesse a oscilar num limiar cortante entre a repulsa e o desejo.

E nem se tinham passado cinco minutos desde que o conhecera.

Era um péssimo sinal, para ser sincera. Um sinal a alertar-me para me ir simplesmente embora. Mas mantive-me colada ao lugar.

O homem voltou a rir-se de um modo obsceno.

Não percebi como é que ele conseguia fazer o ato de dar um passo atrás parecer predatório, mas senti uma ameaça a formar-se com cada movimento. Na forma como pairava e serpenteava naquele espaço pequeno.

A aura dele emanava eletricidade. Uma compulsão que conduzia os fracos à sua própria destruição.

Tinha o cabelo negro como um corvo, rapado dos lados e mais comprido em cima, e os seus olhos eram cinzentos como fuligem incandescente.

Armadilhas que te levavam à tentação.

Não era tão largo como os seguranças. Em vez disso, era esguio e alto, com o tronco moldado por músculos ferozes e definidos. De algum modo, fazia-o parecer ainda mais intimidante.

As tatuagens cobriam grande parte da sua pele exposta. Viam-se por baixo das mangas do blusão de cabedal, passando pelas costas das mãos

até aos nós dos dedos. Havia algumas a escapulir-se pela gola da t-shirt e a subir-lhe pela garganta, onde os desenhos desapareciam para trás das orelhas.

E ali estava ele, a fitar-me com uma cara esculpida pelos traços mais distintos e inesquecíveis. Uma beleza assombrosa, aterrorizante.

Não sabia se alguma vez conhecera um homem tão eletrizante.

Tão obscuramente aliciante.

Por mais que tentasse, o único ponto macio que conseguia ver nele eram os seus lábios sumptuosos e carnudos — se fosse possível ignorar o facto de formarem um sorriso de escárnio constante.

Consegui pressenti-lo pelo calafrio na minha pele e pelo grito do fundo da minha alma.

Este tipo era mau.

Até aos ossos.

E ali estava eu, uma tonta a implorar-lhe por uma oportunidade.

— Farei o que for preciso.

Foi a coisa errada a dizer, porque ele mostrou um sorrisinho.

— Ah, estou a perceber, gatinha. Gostas de brincar com o fogo.

— Não gosto — disse. Honestamente. Com toda a sinceridade.

Não queria arranjar problemas, e este homem claramente tinha-os para dar e vender.

Só queria um emprego.

Não importava que me deixasse a barriga aos saltos e os dedos a tremer. Não importava que agitasse algo dentro de mim que estava morto há muito, muito tempo.

Estudou-me com o olhar outra vez.

A calcular.

A analisar.

Depois, levantou o queixo.

— Segue-me.

Virou-se e começou a andar pelo bar sem mais uma palavra.

Deixou-me perplexa.

Apressei-me a segui-lo.

— Onde vamos?

Não me respondeu. Em vez disso, dividiu a multidão como se todas as pessoas tivessem pressentido a sua chegada.

Tentei acompanhar o ritmo enquanto atravessámos o piso inferior do bar, que estava completamente apinhado.

Antecipação em altas. Inibições à solta. Pessoas a deixarem-se ir enquanto salivavam pela banda a preparar-se em palco.

Olhei para o lado como se procurasse uma boia salva-vidas. Uma jangada no meio de um oceano tempestuoso e revoltado.

A minha atenção aterrou no bartender que me deixara ficar ali sentada o dia todo. Tinha sido simpático para mim, mas, naquele momento, estava a lançar o sorriso mais presunçoso que alguma vez vira.

O tipo de sorriso que gritava «já foste».

Não sabia se se dirigia a mim ou ao homem que abrira caminho por entre a multidão até ao lado oposto do bar.

O Sr. Lawson virou à esquerda para um corredor estreito e húmido. Havia um sinal de lado onde se lia «Entrada Reservada a Funcionários». Contornei a esquina apertada, agarrando a bolsa firmemente contra o peito e esforçando-me por manter o ritmo enquanto os meus saltos deslizavam pelo chão escorregadio de cimento.

Ótimo.

Estava a somar os pontos todos.

Um segundo depois, parou de repente para abrir uma porta à direta. Manteve-a aberta enquanto se virou para trás para me fitar.

Parei, suspirando, incapaz de acompanhar a turbulência a vibrar pelo ar denso.

Ainda de pé nas sombras, ele ergueu uma sobrancelha.

— Então, conta-me, Eden Murphy, é a adrenalina do dinheiro? Estás a tentar irritar o teu papá?

Aqueles olhos incandescentes brilhavam e reluziam de desafio.

Uau. Queria mandar aquele tipo para um certo sítio.

A única razão para estar ali era o facto de estar a tentar salvar o meu papá.

O meu papá afogado em problemas.

E faria absolutamente tudo para ajudar o homem que sacrificara tanto. O único que faria tudo por mim. Que me animava. Apoiava. Abraçava.

Agora era a minha vez de retribuir o favor. Mas este otário não merecia uma explicação, independentemente de quão atraente fosse.

Engoli a irritação e a ansiedade.

— Já lhe disse que preciso deste trabalho. A resposta a essa pergunta deveria ser óbvia.

— E também já te disse que não pertences aqui. O que não falta são outros trabalhos na cidade.

A mágoa envolveu-me os sentidos. Óbvio que um tipo claramente a nadar em dinheiro acharia isso verdade.

— Ah, é? — Não consegui evitar o sarcasmo.

Aquele olhar feroz penetrou-me como se estivesse ali nua, arrastando-se dos meus olhos para a minha garganta palpitante, descendo até onde as minhas mãos trémulas seguravam a minha bolsa.

Desceram, desceram, desceram ao longo das minhas pernas expostas pela saia reta até chegarem aos saltos altos, antes de voltarem a subir com um ar que, de alguma forma, se mostrava calmo e voraz na mesma medida.

Senti arrepios perante o seu olhar descarado, e o meu estômago revolveu-se numa mistura de repulsa e fascínio.

O homem não passava de um fogo lento quando o seu olhar se cruzou com o meu.

— Imaginei que fosses o tipo de mulher que mostraria mais... cautela. — Disse-o como se fosse um insulto.

— Acha que me assusta? — Cuspi as palavras como se pudessem transformar-se em ferro à minha volta. Numa barreira protetora.

De súbito, esticou a mão e passeou as pontas do dedos tatuados pela pulsação irregular no meu pescoço.

Um batimento desenfreado, irrefletido.

Tombou a cabeça.

— Não assusto?

Mal consegui engolir. Respirar. Fiz um aceno brusco com a cabeça para quebrar o transe.

— Tem um emprego para mim ou não, Sr. Lawson? Porque não estou aqui para fazer joguinhos.

Mostrou um sorriso irónico e presunçoso, abrindo mais a porta. Apontou para o interior.

— Faça favor, gatinha.

Rangendo os dentes, entrei no escritório dele com toda a confiança que consegui reunir. Não foi assim tão difícil. Podia parecer delicada e frágil. Pura. Ingénua. Porém, já tinha passado por tragédias suficientes, por desgostos suficientes na minha vida para saber quando bater o pé e despachar o que fosse preciso.

Apontou para uma cadeira em frente a uma secretária virada para o interior da divisão.

— Senta-te. — Disse-o como uma proposta.

Tive de me controlar para não revirar os olhos quando me sentei, mas não havia nada que pudesse fazer para evitar que vagueasse pelo escritório, muito maior do que tinha imaginado. Examinei-o. A secretaria maciça e preta e a cadeira de couro preto. Contudo, foi a vitrine encostada à parede lateral que me roubou a atenção.

Estava cheia de relíquias e tesouros e parafernália de um outro tempo. Armas. Espadas. Engoli em seco quando vi alguns instrumentos de tortura antigos e enferrujados, expostos atrás do vidro como prémios.

O desconforto deixou-me irrequieta.

Tudo nesta divisão gritava sádico.

O meu peito contraiu-se e agitei-me na cadeira.

De súbito, ele estava ali, inclinado ao meu lado, arrastando um dedo pela minha bochecha enquanto murmurava ao meu ouvido:

— Ainda tens tempo para fugir, gatinha. Prometo que nem vou atrás de ti.

Engoli todas as minhas reservas gritantes, aquelas que me diziam que vir aqui tinha sido vir à procura de problemas pelos quais nunca tinha passado na vida. O instinto de sobrevivência implorava que me levantasse e saísse sem olhar para trás.

Mas tinha uma missão e não ia recuar.

— Como disse, preciso deste emprego.

Ficou a pairar ao meu lado durante demasiado tempo antes de soltar um suspiro demorado e contornar a secretaria. Sentou-se na cadeira de couro enorme. Vasculhou uma gaveta e empurrou uma pilha de papéis na minha direção.

— Toda a gente assina um Acordo de Confidencialidade.

Que surpresa.

Sabia-se lá o que ele deixava acontecer ali. Tudo nele gritava caos. Que a sua escuridão ia muito mais fundo do que parecia. Que as mãos dele estavam sujas.

Os nervos agitaram-se na minha barriga.

Estava mesmo a fazer isto?

O homem recostou-se, apoiou um cotovelo no braço da cadeira e descansou a cabeça nos dedos. De alguma forma, o seu casaco tinha desaparecido no meu momento de pasmo, como se eu tivesse perdido uma fração de tempo, absorta na insanidade do que estava a fazer.

E ali estava ele, sentado como um rei maléfico. Os seus braços eram um retrato de depravação, aqueles olhos um vácuo para os pecados nas suas profundezas.

Talvez tivesse sido no momento em que relembrara as palavras do meu pai. Quando ele costumava dizer que todos somos levados ao altar da tentação. Podemos ajoelhar-nos diante dele ou virar-lhe as costas, mas nunca na vida podemos hesitar entre as duas.

Chamem-me doida, mas ia tentar fazê-lo.

Ergui o queixo.

— Não vou fazer nada de ilegal.

Mostrou um sorriso devasso.

— Não te preocipes, gatinha. Tenho algo muito mais divertido em mente para ti.

*

Estava a falar a sério?

Tinha algo *muito mais divertido* em mente para mim?

Cerrei os dentes, esfregando a última panela de uma pilha enorme no lavatório industrial, lutando contra as lágrimas. Nunca tinha sido tão ofendida na vida.

Dissera-lhe que tinha qualificações.

Podia nunca ter sido empregada de mesa num bar, mas sabia tratar das pessoas e sabia fazê-lo bem. Cuidar de pessoas tinha sido a minha ocupação a vida toda.

Em vez de me dizer para regressar para fazer formação, tinha-me dado um maldito avental e enviado para a cozinha, ainda de saltos altos e saia, atenção.

Otário.

A música fazia o chão vibrar, ecoando do fundo do bar enquanto eu lutava contra uma fúria irracional.

Ou talvez não fosse irracional de todo.

Quisera insultar-me. Rebaixar-me. Humilhar-me até à submissão.

O facto de eu não querer permitir que o fizesse foi a única razão para não ter saído, não que alguma vez fosse voltar.

Olhei para o meu relógio.

Duas da manhã.

Tinha de estar no meu trabalho *a sério* às sete.

Porra, ia parecer um zombie na manhã seguinte. Um zombie irritado, mal-humorado e nas lonas.

Não me teria importado de perder o sono por algum dinheiro a sério.

Mas isto?

Sequei a lágrima que tinha escapado.

Que raio. Não o ia deixar ver-me chorar. Era isso que ele queria. Diminuir-me. Mas o pior? Tinha-me agarrado à ideia de isto ser uma saída. Tinha esperado encontrar algum tipo de bênção, mas devia ter tido a inteligência de não a procurar num sítio como este.

Talvez fosse um sinal. A minha salvação. Uma dádiva escondida numa miragem trocista.

Não pertencia ali. Não queria pertencer. Todos tínhamos escolhas na nossa forma de viver a vida, e eu sabia que as escolhas que queria tomar para a minha não encaixavam ali. O facto de sentir os pelos finos na parte de trás do meu pescoço a eriçarem-se sempre que sentia uma mudança no ar era prova suficiente.

A forma como o meu estômago dava voltas por causa da intensidade fervilhante que ondulava pelo ar e me envolvia por trás. A forma como me prendia numas correntes das quais recusava tornar-me refém.

— Gatinha. — A voz dele foi um arranhão áspero.

Cerrei mais os dentes.

— Em que posso ajudá-lo, senhor?

Cuspi-o como um insulto.

— O teu turno acabou. O Tom vai acabar de encher as máquinas da louça e lavar o chão.

Tentei inspirar uma golfada de sanidade e não ter um ataque. Coloquei o sorriso mais falso possível, mas tinha a certeza de que continuava a parecer uma lunática quando me virei e o atirei na direção dele.

— Ótimo.

Comecei a andar à sua volta. Ele agarrou-me pela mão.

Fogo alastrou.

Chamas subiram pelo meu braço e saltaram para as minhas veias.

O que raio se passava comigo?

Congelei, mal olhando para ele, e a minha sobrancelha arqueou-se quando me estendeu um envelope.

Um envelope bem chorudo.

Com uma mão trémula, hesitei ao aceitá-lo.

— O que é isto?

— A tua parte das gorjetas de hoje.

A confusão cintilou tão depressa nos meus olhos que não a consegui ocultar da minha expressão.

— O quê?

— Os empregados de mesa e os bartenders partilham uma parte do que recebem com o resto do staff. O que tu fazes permite-lhes fazer o que precisam de fazer. É assim que as coisas funcionam por aqui.

Estupefacta, pestanejei, ainda presa pela sua mão no meu braço. Um sussurro chocado saiu-me da boca.

— Obrigada.

Ele inclinou-se, estudando-me com a sua aura, e as palavras dele soaram a uma ameaça ríspida quando as murmurou a um centímetro do meu maxilar:

— Não me agradeças já.

Depois, virou-se e passou pela porta de correr sem se dar ao trabalho de se virar para trás quando disse:

— Vemo-nos amanhã às nove da noite, gatinha.

Podia jurar que senti o chão tremer debaixo dos meus pés.

Fui tentada a espreitar para o conteúdo do envelope. O meu coração quase parou. No seu interior devia haver pelo menos trezentos dólares em notas.

Oh, meu Deus.

Levei a mão ao peito e esforcei-me para inspirar fundo.

Para encontrar algum sentido naquela confusão.

Naquele sentimento de que devia fugir da tentação que me sussurrava para *ficar*.

E, ao tirar o avental e entrar no vestiário para pegar na bolsa, ainda com a cabeça às voltas, questionei-me se teria finalmente, finalmente, encontrado uma saída. Tudo isto enquanto rezava para não estar a ser atraída para o poço mais fundo do Inferno.

Capítulo Três

Trent

Soltando um grunhido, enterrei mais a cara na almofada quando o meu colchão foi atingido por um oito na escala de Richter. Aquele pirralho soltava tanta energia que até me admirava que não deitasse a casa abaixo.

— Pai, pai, pai! Tens de te levantar e começar a despachar. — Saltou para o meu lado, criando um pequeno cataclismo com os pezinhos em cima da cama. — É o primeiro dia de escola e não nos podemos atrasar porque não quero arranjar problemas. Arranjar problemas é mau, não é, pai?

Abracei a almofada e obriguei-me a afastar a névoa. A exaustão. Porque, verdade seja dita, três horas de sono simplesmente não iam chegar.

Mas ele era a única coisa que fazia tudo valer a pena.

Um amor.

Uma lealdade.

Uma razão.

— Não é, pai? — Continuou aos saltos.

Daquela vez, enterrei o grunhido no monte de penas antes de me forçar a virar para cima, abrindo os olhos para um novo dia.

E ali estava ele, o miúdo cheio de raios de sol e amor e exuberância a sorrir para mim.

O Gage.

O meu filho.

A única coisa brilhante e importante o suficiente para encher a cratera chamuscada no centro do meu coração negro.

A única coisa radiante o suficiente para me trazer uma centelha de luz.

Era a única coisa boa na minha vida. Também era a única coisa que protegia *com* a minha vida.

Estava a usar calças de ganga, uma camisa de manga curta e os seus *Vans* axadrezados. Parecia um autêntico valentão em crescimento, como era efetivamente.

Contudo, a pele dos seus braços e pescoço estava coberta de rabiscos e linhas e formas toscas desenhadas com tinta.

Mas que raio?

Ao sentar-me, enfiei os dedos na cabeceira da cama, pestanejando contra a luz ofuscante.

— O que se passa aí, miúdo?

Apontei para as coisas que ele tinha rabiscado pelo corpo todo.

O Gage esticou os braços, demasiado orgulhoso.

— O que achas, pai? Não gostas? Agora estou igual a ti. — Os seus olhos cor de caramelo arregalaram-se de antecipação. — Só ainda não sou tão grande, mas vou ser! Não vou, pai?

Começou aos saltos de novo, usando as perninhas para se içar o mais alto possível, de braços levantados por cima da cabeça e com todo aquele cabelo dourado a cair-lhe para o rosto rechonchudo.

Era tão fofo que metia nervos.

Soltei uma pequena gargalhada, puxei-o pela cintura e atirei-o para a cama de barriga para cima. Comecei a fazer-lhe cócegas nas costelas.

— Achas que vais ser tão grande como eu, é?

O Gage gritou de riso enquanto agarrava a barriga e pontapeava o ar.

— Pois é, pai! Tenho de ser.

— Ah, tens? — Continuei a fazer-lhe cócegas, mas suaves, com todo o amor que tinha por ele.

O miúdo deu-me palmadinhas nas mãos, rindo-se e contorcendo-se em todas as direções.

— Sim, pai, sim! Tenho de ser! Senão os tios vão chamar-me bai-xote para o resto da vida!

— Que rudes. — Arregalei os olhos numa expressão brincalhona.

— Os mais rudes — respondeu com o queixo empinado, resoluto.

Abrandei, incapaz de fazer outra coisa além de fitar este miúdo que estava a olhar para mim como se eu fosse o seu herói. Um sorriso precioso alastrou-se no rosto dele, tão grande que lhe apareceram covinhas nas bochechas.

Queria ser isso para ele.

O seu herói.

O seu porto seguro.

O tipo de pai digno de ser olhado como o meu filho olhava para mim.

Como se eu não estivesse coberto de cicatrizes e de pecado e de vergonha.

Como se a minha alma não estivesse manchada por todas as coisas que fizera.

Passei-lhe a mão na nuca, angustiado por todo o carinho a irradiar de mim.

— Sei mesmo. Vais ser tão grande. Tão forte. Tão bom — prometi.

Os seus olhos de caramelo reluziram.

— Tal como tu.

O meu peito apertou-se com o luto antigo, e forcei um sorriso.

— Nem pensar. Vais ser muito melhor.

— Isso parece uma fasquia muito alta, pai. — Disse-o com toda a seriedade do mundo.

Desatei a rir e passei os dedos pelo cabelo dele.

Maldito Logan.

— Parece-me que andas a passar demasiado tempo com o tio Logan. Sentou-se, e a seriedade continuou a infiltrar-se na sua voz.

— Estás doido? Tempo com o tio Logan nunca é demais.

Sorri ironicamente ao recostar-me, prendendo o nó do dedo debaixo do queixo do meu filho.

— Aposto que ele também te disse isso.

O Gage franziu o sobrolho.

— Apostar é mau, pai, não sabias?

O miúdo seguia as regras à risca.

Não conseguia ignorar a ironia nisso.

Abanei a cabeça, relaxando os lábios ao olhar para a criança por quem faria qualquer coisa.

— Estás com um ar muito fixe, puto, mas acho que vamos ter de tirar as tatuagens para o teu primeiro dia de escola, está bem?

Um beicinho apareceu-lhe no rosto.

— Oh, fogo, porquê?

— Porque duvido que a tua professora vá apreciar o quanto estás estiloso. — Atirei-lhe o meu sorriso mais brincalhão, embora estivesse

a falar muito a sério. A última coisa de que precisava era de uma gaja rígida a chatear-me.

A julgar-me.

A julgar o meu miúdo.

— Pede ajuda ao tio para te limpares. Vou tomar um duche e desço num minuto.

— OK, pai!

Saltou da cama e saiu do meu quarto a correr. Os seus passos ecoaram pelas escadas abaixo.

Os meus pulmões soltaram um suspiro pesado. Atirei os lençóis para trás e fui direito ao duche gigante na minha casa de banho. Cocei o queixo ao entrar, tentando repelir o desejo de voltar a cair de cara na cama.

Liguei a água quente e deixei o vapor encher a divisão enquanto tirei a roupa interior para poder ficar debaixo do chuveiro.

Os meus olhos fecharam-se ao sentir o calor.

Num instante, a cara dela irrompeu atrás das minhas pálpebras.

Merda.

Parecia que, por mais que tentasse manter-me na linha, acabava sempre por ir atrás de problemas. A caçá-los como se não soubesse parar.

Porque ali estava eu, atingido por um relâmpago errante de luxúria que não fazia sentido.

A Eden Murphy.

Aquela gatinha assanhada que quisera arrancar-me os olhos na noite anterior.

Se bem que ela era a chave para um tipo de problema diferente daqueles que costumava procurar, e eu era tolo o suficiente para querer rodar a fechadura.

Não havia dúvidas de que essa a era razão pela qual não a tinha metido no olho da rua. A razão pela qual não conseguira tirá-la da cabeça por um segundo que fosse ontem à noite, além de ter sido o primeiro pensamento que tive hoje de manhã.

Cai que nem um patinho na forma como corou e se atrapalhou e ergueu aquele queixo. A forma como pareceu tão inocente, mas era claramente uma lutadora por dentro.

A minha pila deu um salto, tesa com a ideia de a ter sentada no meu escritório, nada além do seu coração palpitante, as mãos embaracadas e a doçura tentadora.

A forma como saíra disparada para a cozinha antes de ter amansado como seda. A forma como o seu fôlego deslizara pela minha cara e o seu aroma a mel invadira os meus sentidos.

Podia apostar que a miúda saberia exatamente assim — a seda.

Como molhar os dedos em mel doce.

Mergulhar a língua na sua pureza.

E eu era mais esperto do que isso.

Antes de deixar a miúda distrair-me, lavei-me num instante, passeei-me por água e saí em menos de cinco minutos. Sequei-me e vesti umas calças de ganga, ainda a esfregar o cabelo com a toalha enquanto descia as escadas a correr.

A casa era uma daquelas moradias geminadas de luxo. A probabilidade de ser exatamente igual à do vizinho do lado era uma em quatro, mas ainda custava uma pequena fortuna.

Os tetos eram altos e as bancadas feitas de quartzo, sendo os soalhos uma mistura de madeira e carpete.

Era como se uma fada do lar perfeita tivesse concebido o conceito e tratado da decoração.

Mas nada disso era relevante. A única coisa que importava era o facto de ser um lugar seguro para o Gage. Um sítio para o criar como devia ser. Um quintal grande. Miúdos a quem chamar de amigos. Um parque do outro lado da rua.

A um milhão de quilómetros de distância de onde eu e os meus irmãos tínhamos crescido. A uma vida inteira de distância daquela cidade reles. Da depravação. Do luto.

De toda as merdas sórdidas que tínhamos deixado para trás.

Só esperava que esse mundo nunca nos apanhasse.

O único objetivo da minha vida patética era manter os meus irmãos e meu filho em segurança.

Um desses irmãos estava na cozinha com o Gage quando entrei.

Logan, o cabrão feliz.

Lançou-me um sorriso matreiro de onde estava na ilha da cozinha em frente ao Gage, que se empoleirava na bancada. Com uma toalha húmida, o Logan estava a dar o seu melhor para apagar as marcas que o miúdo rabiscara no corpo.

— Ora, ora, se não é a Princesa Buttercup — cumprimentou o Logan.

Como o Gage estava virado de costas, aproveitei a oportunidade para mostrar o dedo do meio ao meu irmão.

Os parvos dos meus irmãos chamavam-me isso desde que éramos miúdos, porque uma vez tropecei e caí de uma colina abaixo enquanto gritava o caminho todo.

Ele riu-se.

— O que se passa, cara linda? Alguém parece... tenso. — Cerrou os lábios, como se estivesse numa contemplação profunda enquanto passava a toalha pela tinta nos braços do Gage. — Solitário, talvez? Todas as mulheres no clube estão a ignorar-te? Que triste, irmão. É melhor dares uma para não andares aqui a choramigar e a ser um i-d-i-o-t-a. Só de olhar para ti, este dia de sol glorioso está a ficar arruinado.

Mostrei-lhe o dedo outra vez.

— E tu podes ir para um certo sítio, mano. — Também sussurrei as palavras.

Sabem, porque éramos profissionais a disfarçar palavrões.

— E tu sabes que não toco em ninguém no clube. — Cuspi aquele comentário porque, de repente, essa regra tinha um gosto amargo.

Estava num registo anónimo.

Sem amarras.

Sem ligações.

Sem hipóteses de arrastar alguém para o horror do meu passado ou de alguém se aproximar o suficiente para me espetar uma faca nas costas.

— Bem, bem, alguém está com as bolas à prova.

— Eu dou-te a prova — grunhi, aproximando-me da cafeteira. Aquele gajo passava a vida a dar-me na cabeça, e eu era o parvo que o adorava por isso na mesma.

Tendo em conta que o Logan sacrificava as suas noites para cuidar do meu filho quando eu estava na discoteca, safava-se. Na verdade, a vida que tínhamos construído aqui não funcionaria sem nenhum dos meus irmãos. Sem o apoio que nos davam. Eram as únicas duas pessoas no mundo em quem podia realmente confiar.

— Prova? — intrometeu-se o Gage, com a vozinha entusiasmada ao tentar apanhar o tema da conversa. — Oh! Acham que sou capaz de ir fazer um teste na escola?

Era óbvio que estava a falhar miseravelmente a perceber a dica, graças a Deus, porque o desbocado do Logan nunca sabia quando fechar a matraca.

Mas achei que era pelo melhor, porque o miúdo estava a arrebitar, animado com a possibilidade de fazer um teste. Virou-se para me ver enquanto eu enchia uma caneca enorme com café quente e fumegante.

Soltei uma pequena gargalhada e virei-me para me encostar ao balcão, dando o primeiro gole.

— Achas que te vão testar logo no primeiro dia, é? — perguntei.

O Gage mostrou-me um sorriso radiante, cheio de covinhas e doçura.

— Espero que sim. Vou ter Muito Bom a tudo. Já tenho as minhas canetas e os meus lápis de carvão e de cera na minha mochila nova. Estou pronto. — Virou-se para o Logan. — Queres ver, tio?

Tentou soltar-se da toalha do Logan. O meu irmão olhou para mim por cima da cabeça do sobrinho.

— Quem é este miúdo?

O Gage virou a cabeça para o olhar diretamente nos olhos.

— Sou o Gage Michael Lawson.

Escondi a gargalhada atrás do café.

O Logan abanou a cabeça e tocou-lhe na ponta do nariz.

— O Gage Michael Lawson que veio de Marte.

O Gage torceu o narizinho debaixo do dedo dele.

— Marte? Nem pensar, tio. Sou de Redemption Hills, na Califórnia, e nasci a 17 de agosto de 2016. Até tenho uma certidão de *nascimento*. Não tenho, pai?

Virou-se de novo para mim, à procura de aprovação. Como fazia sempre. O meu coração apertou-se contra as minhas costelas. O amor que sentia por ele era quase demasiado.

— Tens, sim, Gage.

Voltou-se para o Logan.

— Vês, tio? Não sabes nada.

O Logan atirou-me um olhar perplexo.

Encolhi um ombro.

— Que queres que eu diga? O miúdo é esperto.

O meu irmão coçou o queixo barbeado.

— Sim, e ao que parece quem anda a ouvir umas lições aqui sou eu.

— Se calhar tens de vir comigo e receber umas educações — declarou o Gage, com um pequeno encolher de ombros.

— Talvez o faça — atirou o Logan, lutando contra o riso. Os seus olhos verdes dançavam de alegria. O sacana geria as ações dos clientes.

Tornou um monte deles milionários, tal como fizera consigo. Decerto tinha esperteza para dar e vender.

O meu irmão mais novo tinha o mesmo cabelo preto que eu e o nosso irmão do meio, o Jud. Contudo, ficara com os olhos da nossa mãe, umas esmeraldas lapidadas que reluziam. Sempre vivas e radiantes. Também herdara o seu feitio brando.

O mesmo que o Nathan tivera.

O luto tentou vir à tona, e a culpa retorceu-me como se me tentasse esventrar.

Empurrei-a para trás para poder apodrecer com os demónios a contorcer-se cá dentro.

Observei o Logan com o meu filho. Não sabia como é que ele tinha saído mais ou menos normal depois de toda a merda por que passámos. Levava a vida como se cada dia da sua infância não lhe tivesse sido roubado.

Por isso é que era a única pessoa em quem confiava com o Gage. A razão pela qual o pobre coitado tinha de fazer de ama de um miúdo de 5 anos todas as santas noites em sua casa, três portas ao lado.

O Jud?

Era como eu, tal qual, apesar de barbudo e com o dobro dos músculos. Era dono de uma oficina de motas no armazém atrás do bar, a concretizar um sonho antigo o melhor que podia.

Nós os dois tínhamos construído um pequeno império do nada.

— Bem, é melhor irmos andando para chegarmos a horas, tio — disse-lhe o Gage. — Não nos podemos atrasar. A escola começa às oito *em pontos*.

A ansiedade atravessou-me a espinha. Odiava a ideia de deixar o meu filho ao cuidado de outros.

Mas prometera a mim mesmo que o Gage teria a vida mais normal que lhe conseguisse dar, e mantê-lo em casa, escondido como um recluso, não lhe traria isso.

O Logan pegou nele por debaixo dos braços e pousou-o no chão.

— Desculpa, baixote, mas acho que vou ter de faltar à escola hoje. Talvez fique em sarilhos se não aparecer no trabalho.

— E depois terias de ir para o canto? — perguntou, como se o castigo fosse um crime de guerra.

Era assim que eu queria, e ia passar a vida a certificar-me de que ele nunca saberia das crueldades deste mundo.

Uma vida.

Uma lealdade.

Uma razão.

— E não quero isso, pois não? — respondeu o Logan numa voz grave. Também a herdara. — Agora chega aqui e dá-me um grande abraço antes de ires ter o teu melhor dia de sempre.

Capítulo Quatro

Eden

Raios de luz vespertina brilhavam no céu ensolarado, do tom mais profundo de azul. Envolviam a nossa vila montanhosa num calor que afastava a brisa fria que soprava por entre os pinheiros e os carvalhos imponentes.

Levantando a cara para o céu por um segundo, inspirei o ar fresco até o sentir nos pulmões. Apreciando as coisas que tinha e recusando o luto que queria irromper por entre a hesitação no meu espírito.

Ouviam-se gritinhos de alegria, e voltei-me para o recreio onde a minha turma de jardim de infância corria e brincava. Tentei esconder o meu sorriso quando a Tessa começou a deambular na minha direção à medida que a sua turma se juntava à minha para o último intervalo do dia.

A minha melhor amiga estava toda curiosa, mostrando um sorriso matreiro ao chegar ao meu lado no relvado próximo do parque.

— Alguém parece estar com os pés para a cova. — Tinha-se aproximado da minha orelha e sussurrado como se fosse um segredo horrível.

— Uau. Obrigada — respondi, com todo o sarcasmo que consegui reunir.

A Tessa riu-se, e o seu rabo de cavalo alourado serpenteou-lhe pelos ombros.

— É assim, lembras-te de quando prometemos ser sempre honestas uma com a outra? Que melhor amiga seria eu se rompesse esse pacto agora?

— Hum... uma amiga boa e simpática?

Soltando um riso de escárnio, deu-me com o ombro.

— Duvido. Sabes que me adoras porque podes confiar em mim para te dizer as verdades. E, acredita, estou a dizê-las.

Fingiu engasgar-se como se estivesse repugnada enquanto tentava reprimir um sorriso.

Ri-me apesar da exaustão.

— Pronto. Tendo em conta que é exatamente assim que me sinto, não me surpreende nem um bocadinho que isso se note.

Ontem à noite já sabia que hoje estaria a andar como um zombie. Um zombie irritado, mal-humorado e nas lonas.

Mas, graças ao tipo que ainda me deixava agitada — o que me fizera dar voltas na cama a noite toda, incapaz de escapar à energia estranha que se infiltrara na minha corrente sanguínea —, estava um pouco menos nas lonas.

Não fazia ideia do que achar do meu novo patrão, além da verdade óbvia de que me deveria manter o mais longe possível dele. Pois, era uma tola por já saber que ia correr de volta para lá esta noite.

— Mas conseguiste o trabalho? Isso é bom, não? — insistiu a Tessa.

Não havia dúvidas de que ela passara o dia de trabalho mortinha por me pedir pormenores, mas não tivéramos um segundo para nós. O primeiro dia de escola era sempre caótico.

Pais atrasados. Crianças confusas e a chorar, enquanto outras se recusavam a ouvir as regras e testavam até onde podiam puxar a corda. Almoços eram esquecidos e coraçõezinhos eram partidos porque alguns estavam a ser deixados sozinhos pela primeira vez.

Tratava cada um deles com todo o meu coração e energia, mostrando-lhes que este era um espaço seguro. Um sítio onde iriam aprender e crescer, e divertir-se à grande ao fazê-lo.

Era isso que importava.

Incutir esperança e conhecimento nas crianças que ficavam ao meu cuidado.

Era a minha maior alegria, a maior dádiva.

O meu coração estremecia com a ideia de a perder. De este sítio ser... fechado. Desaparecer.

Eu e a Tessa dávamos aulas numa academia cristã privada em Redemption Hills. Uma escola de que o meu pai era dono. Tínhamos uma lista de espera interminável graças à reputação de oferecermos a melhor educação privada na área. Não, a mensalidade não era

propriamente barata, mas mal lucrávamos, porque o meu pai investia quase tudo de volta na comunidade.

Tinha orgulho em fazer parte dela. Ajudava em todas as áreas que conseguia, mas nenhum de nós estava propriamente a nadar em dinheiro.

Tínhamos conseguido sempre dar conta do recado.

O pavor enrolou-se à volta das minhas costelas e apertou com força.

Estar no limite era uma coisa. À beira de perder tudo era outra.

Foi a possibilidade de isso acontecer realmente que me fizera rastear para o Absolution na noite anterior, embora duvidasse que os meus humildes esforços fossem fazer uma grande diferença.

Mas, meu Deus, o monte de notas na minha bolsa estava a sussurrar que talvez conseguisse fazê-lo. Ganhar dinheiro suficiente para nos safarmos enquanto o meu pai percebia o que fazer.

Como recuperar.

Como reconstruir.

Como restabelecer tanto as suas finanças como o seu espírito.

A Tessa arrancou-me dos meus devaneios.

— Hum, estou? Eden? Trabalhaste alguma coisa, não trabalhaste?

Estou mortinha pelos pormenores.

— Sim. Comecei ontem à noite. — Lutei contra o alvoroço que vibrou no meu peito. Cada pensamento enchia-se de memórias dos ângulos afiados do rosto dele.

Impossível.

Talvez o facto de não conseguir parar de pensar naquele homem fosse um efeito secundário cruel da privação de sono.

Não acreditava em amor à primeira vista, nem em paixão à primeira vista ou... Bem, se calhar tinha de admitir que desistira de acreditar na atração. Na possibilidade de a conseguir sentir.

Tinha começado a acreditar que o meu coração devastado já não batia muito bem.

A sobrancelha da Tessa ergueu-se em torno dos seus olhos azuis como gelo, e as sardas que combinavam com o seu cabelo dançaram quando torceu o nariz.

— E deixou-te com esta cara? Isso parece... violento.

Expirei o ar pelos lábios.

— Só cheguei a casa às duas e meia, e depois fiquei demasiado elétrica para dormir. Isto é tudo culpa tua, para que saibas — trocei.

Tudo para desviar a atenção de mim.
Ela abriu a boca, fingindo-se ofendida.

— Como assim?

— Tu é que sugeriste que me candidatasse quando viste o anúncio, e disseste que era o sítio onde podia fazer dinheiro mais rápido em Redemption.

Pronto, sem ter de tirar a roupa, mas, no exato segundo em que entrei naquele bar, até começara a questioná-lo. Por isso é que tinha sugerido...

O rubor queimou-me as bochechas ao pensar nessa memória. Na forma como tinha mencionado a dança, como se esse fosse o meu engodo. Como se isso o fosse influenciar ou fazê-lo mudar de ideias.

Que ridículo.

Mas... mudou, não mudou? Foi o que o fizera parar e voltar a sentar-se. Agora estava a questionar-me se teria sido uma tola ao agradecer o facto de ele o ter feito.

A incredulidade estampou-se no rosto da Tessa.

— Hum... Estava a brincar. Nunca imaginei que tivesses coragem para o fazer.

— Tenho quase a certeza de que isto não tem nada que ver com coragem. Chama-se desespero.

— Não. Acho que se chama «a minha amiga é uma durona».

— Ou uma estúpida — retorqui.

Encolheu-se.

— Só o tempo dirá.

Dei-lhe uma palmadinha no braço.

— Odeio-te.

— Não podes odiar a tua pessoa favorita no mundo. A tua amiga do coração. A tua amigalhaça número um. A tua mais que tudo. — Cantou todas as frases, aumentando o volume com cada uma.

Estava a rir-me quando chegou à última.

— Pronto, pronto. Não te odeio. Mas está perto. — Aproximei os dedos.

Mostrou um sorriso matreiro.

— Então, conta-me lá. Aquilo é muito selvagem? Fizeste algum dinheiro? Atiraram-se a ti? Quero dizer, claro que se atiraram, não foi? Diz-me que conseguiste alguns números. Já está mais do que na hora de a minha miúda dar umas voltinhas.

Quase lhe bati de novo, mas fui parada quando um rapazinho que tinha estado a pintar sozinho numa mesa pequena veio a correr na nossa direção, salvando-me basicamente a vida... da Tessa.

Abanava uma folha de papel por cima da cabeça enquanto a sua mochila, com o triplo do tamanho indicado para ele, lhe saltitava nos ombros pequenos.

— Professora Eden, professora Eden, veja o que fiz para si!

Tinha o cabelo dourado e olhos doces, e era a coisa mais fofo que alguma vez vira. Podia jurar que o meu coração me tinha palpitado no peito quando o vi sentado na sua mesa pela primeira vez.

A Tessa dizia que era uma doença, o facto de me afeiçoar a todas as crianças que atravessavam a porta da minha sala de aula. Mas havia alguns miúdos que se enraizavam tanto que ficariam sempre com uma parte de mim. A parte de mim que o desejava tão profundamente, sabendo que era provavelmente impossível. A minha oportunidade tinha passado.

— O que é que fizeste para mim? — perguntei num tom leve.

O rapaz parou, sorrindo-me de orelha a orelha enquanto segurava no papel.

— Isto! O que acha?

Ajoelhei-me à sua frente, apreciando a imagem. Os meus olhos acariciaram o desenho simples, uma óbvia representação em bonecos-palito de nós os dois a dar as mãos debaixo de um Sol gigante, em cima de relva afiada.

O carinho pulsou-me no peito, um batimento no vazio.

— Acho que está lindo.

O seu sorriso aumentou ainda mais.

— Passei no meu teste?

Uma gargalhada confusa soltou-se dos meus lábios.

— Passaste no teste?

— Tenho de ter Muito Bom a tudo, professora! Não sabia que os Muito Bons são os melhores de todos?

Não o consegui evitar, a minha mão percorreu a sua nuca.

— Não te preocupes. Estás num ótimo caminho.

Sorriu ainda mais.

— Isso são ótimas notícias. Tenho de contar ao meu pai. Sabia que o meu pai é o melhor pai no mundo inteiro? — Algures no seu desvario, entrelaçara os dedos nos meus e ficara de pé ao meu lado.

Uma torrente de palavras voava da sua boca enquanto balançava as nossas mãos. — Ele levou-me à loja e comprou-me papéis e canetas e lápis de cor e *todajas* coisas de que preciso para ter Muito Bons. E também tenho sapatos novos.

Pontapeou com o pé esquerdo.

O divertimento via-se nos meus lábios.

— Parece um bom pai.

— Sim. É o melhor. Mas o meu tio disse que ele precisa de dar uma para não andar a choramingar e a ser um i-d-i-o-t-a. — Baixou o tom de voz quando disse as letras, como se estivesse a imitar a forma como as ouvira da primeira vez.

A Tessa engasgou-se na gargalhada que irrompeu da sua garganta, e virei-me para a alertar com um olhar fulminante. Cobriu a boca com a mão para tentar abafar o riso, pestanejando furiosamente enquanto tentava reprimi-lo.

Desmanchou-se a rir de qualquer forma, virando-se por momentos para o esconder.

Fiz o meu melhor para aguentar, engolindo a gargalhada que balançava no meu peito.

A Tessa voltou a virar-se para mim, ainda a soltar uns risinhos.

Alisei o vestido leve que estava a usar, como se pudesse afastar a piada que conseguia sentir a crescer entre nós, certa de que a Tessa começaria a rebolar na relva se eu não metesse um ponto final nisto.

— Não queres andar mais um bocadinho no baloiço antes de acabarem as aulas? — sugeri. — Aposto que o teu pai está quase a chegar.

O menino limitou-se a apertar-me mais a mão.

— Não. Está tudo bem. Gosto de estar aqui.

Certo.

Está bem.

A Tessa continuou a rir-se.

Arregalei os olhos na direção dela. «Podes parar?», articulei com os lábios.

— O que foi? — Encolheu os ombros. — Aquilo foi hilariante. E, a sério, *dar uma*? — articulou de volta. — Hum, viste o pai dele? Veio cá deixá-lo hoje de manhã e *oh, meu Deus*. — Usou a mão como um leque. — Acredito que esteja a dar muitas.

Sacudi-a com a mão que não estava entrelaçada com a da criança.

— O que se passa contigo? — sibilei.

Mas não me pareceu que importasse, porque o pequenote fofinho tinha começado a cantar para si, indiferente enquanto cantarolava o abecedário.

A Tessa encolheu-se de novo.

— Como já te tinha dito, sou uma contadora de verdades. Mas viste-o? — provocou.

A exasperação encheu o meu suspiro. A Tessa era implacável.

— Não. Estava numa reunião com o meu pai.

A tentar salvar esta escola e a casa dele. Não a tirar as medidas à nova casta de pais.

Foi o suficiente para fazer a Tessa ficar séria, baixando mais o tom de voz.

— Como está o teu pai?

A tristeza apertou-me o peito. Uma tristeza que me atingia, chicotada após chicotada. Ainda não conseguia acreditar.

— Preocupado. Destroçado. Sem saber como vamos conseguir arranjar o dinheiro, tudo isto enquanto tenta aceitar que ela era capaz de lhe fazer uma coisa destas.

Achei que ainda estava em negação. A arranjar desculpas para a minha irmã. Recusava-se a chamar a polícia, embora tivéssemos provas claras de que ela era a responsável.

O meu pai era o homem mais generoso do mundo. Tinha um coração gigantesco e determinado a salvar toda a gente, tanto amigos como desconhecidos. Infelizmente, isso significava que era espezinhado grande parte das vezes.

Mas no que dizia respeito ao próprio sangue? À sua filha? À minha irmã? Tinha sido devastador. Um golpe para o qual nenhum de nós tinha estado preparado.

A mágoa atravessou-me o espírito, uma dor tão intensa que parecia uma ferida. Profunda e pulsante.

Depois de tudo — tudo aquilo que tínhamos sofrido —, não percebia como é que ela pôde vir aqui e causar mais dor. Como é que conseguia viver consigo mesma depois do que fizera.

O que mais magoava era o quanto ainda a amava. O quanto sentia falta da relação que chegáramos a ter antes de ela se ter desencaminhado.

Mas eu e o meu querido pai? Ainda nos tínhamos um ao outro, e ia garantir que tudo ficaria bem, se conseguisse. Ia carregar um pouco do seu sofrimento, tal como ele sempre fizera com o meu.

Engoli a minha própria ansiedade.

— Prometi-lhe que ia arranjar uma solução. — Fiz questão de manter a conversa entre mim e a Tessa, porque nenhum dos outros professores sabia da situação em que estávamos. — Disse-lhe que ia juntar uns trocos para fugirmos à execução da hipoteca, pelo menos até conseguirmos encontrar uma solução a longo prazo.

O que não sabia era como o iríamos fazer.

A Tessa suspirou.

— Não podes resolver tudo, Eden. Estou preocupada contigo.

— Fala a que me enviou para a boca do lobo. — Num tom sarcástico, tentei provocá-la o máximo possível.

— Bem, tendo em conta que tentarias arranjar uma solução sozinha, independentemente do que fosse dizer, achei que mais valia indicar-te a direção certa. Como correu, afinal? A sério, ainda não acredito que te meteram logo a trabalhar. É uma grande oportunidade.

Desabafei sobre a parte em que me sentira descontente ontem à noite.

— Ficou bem claro que tive de começar de imediato porque o dono me estava a testar.

A curiosidade fê-la arquear a sobrancelha.

— Como assim?

— Digamos que fez de tudo para provar que eu não encaixava ali. Uma pontada de irritação passou-lhe pelo rosto.

— E porque é que tentou fazer isso, exatamente?

Apertei a mão do miúdo, que continuava a cantarolar a sua música, a sorrir enquanto observava as outras crianças a brincar, com o ar mais contente possível. Virei-me para a Tessa.

— Alguns caçadores adoram brincar com a comida antes de avançarem para a matança.

Ergui as sobrancelhas até à raiz do cabelo enquanto a deixava juntar os pontos.

— Ah... — resmungou, apanhando o que eu estava a dar a entender. — Era desses.

— Pois.

— Deixa-me adivinhar, é ridiculamente atraente e acha que o mundo gira à sua volta?

Soltei um som áspero.

— Isso nem chega perto de descrever o que quer que ele era.

Atraente.

Lindo.

Aterrorizante.

Um completo idiota e, ainda assim... protetor, de uma forma estranha e arrogante.

— Por falar em homens atraentes... — Apontou com a cabeça na direção de um Porsche *Panamera* branco que tinha entrado na fila dos pais que vinham buscar os filhos, do outro lado da cerca de ferro forjado. — Ali está ele.

Questionei-me se estaria a imaginar coisas.

A alucinar.

Se isto era algum tipo de piada cruel e doentia ou se simplesmente teria feito algo terrível numa vida passada e este era o meu castigo.

Porque não havia como confundir os olhos ardentes a fitar-me pelo para-brisas quando ele parou no passeio.

A forma como o choque se estampou na sua cara insuportavelmente atraente antes de o maxilar se lhe contrair numa expressão que parecia ódio.

Ou talvez satisfação.

Com aquele homem, tinha a certeza de que iam dar ao mesmo.

Apertei mais a mão da criança.

Instintivamente.

Uma reação intuitiva para o proteger.

Arrepios percorreram-me o corpo. Uma sensação perturbadora de que algo estava prestes a acontecer. Algo que não compreendia, mas que devia temer.

O homem saiu do lugar do condutor do carro vistoso, que nunca imaginaria que combinasse com ele. Porém, naquele momento, por alguma razão, parecia o acessório perfeito.

Endireitou-se, atingindo a sua altura completa e ameaçadora.

— Ali está ele! Ali está ele! — A criança começou a saltar para cima e para baixo, acenando com a mão no ar. — Olá, pai! Olá! Estou aqui!

Aquela intensidade penetrante irrompeu no ar. A minha cabeça deu uma volta, os meus joelhos chocaram um com o outro e a minha boca ficou seca.

O Trent Lawson caminhou até ao portão com o seu estilo obscuro e uma atitude de *estou-me-a-lixar*, embora houvesse pelo menos quinze

sinais a pedir aos pais para ficarem nos carros e a informar que as crianças sairiam acompanhadas.

Tive a impressão de que este homem não era daqueles que seguia as regras.

Porque ali estava ele, com uma roupa muito parecida à da noite passada, calças de ganga preta, uma t-shirt preta com gola em V e botas pretas desapertadas. Toda aquela pele tatuada parecia obscena, de alguma forma.

Senti o impulso de pegar na criança e levá-la para um esconderijo. Correr na direção do resto das crianças e conduzi-las para um sítio seguro.

Evacuação de emergência.

Mas limitei-me a ficar ali.

Pasmada.

Por fim, balbuciei:

— Aquele é o teu pai?

Gage Lawson.

Claro.

Isto era mesmo uma piada cruel e doentia, e eu era o alvo da chacota.

— Sim, é ele. — O Gage estava a saltar e a apontar. — Diga-lhe que tive um Muito Bom, professora Murphy! Ele vai ficar tão orgulhoso!

O Trent Lawson caminhou a passos largos até ao portão, com a intenção clara de se vir intrometer.

Finalmente, encontrei a minha voz e gritei para ele antes que passasse a vedação.

— O senhor tem de esperar no carro. Ainda faltam uns minutos para as aulas terminarem e levaremos o seu filho ao seu encontro. Os pais não têm autorização para entrar nesta área antes de darem entrada na secretaria.

De mão pousada no trinco do portão, fez uma pausa, com um sorriso arrogante a surgir no canto daquela boca carnuda.

— Ai é?

Ergui o queixo, ainda a segurar a mão do filho dele.

— Sim.

Fitou-me como se eu fosse o inimigo.

— Então, deixe-me ver se percebi. Pago uma conta calada para o meu filho andar aqui, e você é que me diz onde posso e não posso ir buscá-lo?

— O senhor está a pagar pela educação do seu filho, não para receber ordens minhas.

— Hum... Podia ter-me enganado.

Ergui mais o queixo.

— Parece-me que está muito, muito enganado.

Travou-se uma guerra na nossa interação. A mesma tensão que tinha existido ontem à noite estava clara e presente, a hostilidade dele permanecendo inalterada. Mas também havia algo mais por trás.

Era como se eu tivesse ganhado uma espécie de poder enquanto nos fitávamos.

— Tens de esperar, pai! Eu disse-te que tenho de ter Muito Bom a tudo e tu vais estragar as coisas se não seguires as regras. Fogo.

A Tessa riu-se baixinho atrás de mim.

Um segundo depois, a campainha tocou. Arrancou-me do transe em que o homem me tinha posto, e todo o meu ser foi sacudido por aquele som, como se o tempo tivesse sido pausado e depois começado a acelerar para acompanhar o ritmo.

As crianças gritaram de entusiasmo e correram para pegar nas suas mochilas, que estavam numa fila encostada à parede.

— Por favor, fique no seu carro amanhã — pedi. As palavras saíram como estilhaços afiados ao largar a mão do Gage com relutância.

— Vou ver o que posso fazer — respondeu, num tom tão presunçoso e convencido e irritante como na noite anterior.

O Gage correu na direção dele e a mochila saltitou por todos os lados. Olhou para mim, recuando dois passos a correr, todo sorridente e cheio de confiança.

— Não se preocupe. Amanhã venhovê-la outra vez, professora Eden!

Quando o miúdo chegou ao pé dele, o Trent esticou a mão para o Gage a agarrar.

Num relance, toda a sua postura se alterou ao descer o olhar para a criança, que levantou a cabeça e sorriu para o pai.

Brando. Carinhoso. Protetor.

Só podia estar a imaginar coisas.

Depois, virou-se para sair com aquelas botas ridículas, mas não sem antes atirar por cima do ombro:

— Vemo-nos em breve, gatinha.

A raiva despertou, fazendo com que as minhas bochechas aquecessem, o meu coração disparasse e aquela fúria irracional tomasse conta de mim.

Tudo misturado com aquele *sentimento*.

Aquela impossibilidade.

Regressaram para o Porsche e eu fiquei presa no lugar, enquanto o pai ajudou o Gage a entrar numa cadeirinha no banco de trás, antes de contornar a frente do carro para se sentar no lugar do condutor.

O homem fulminou-me com o olhar antes de ligar o carro e recuar no passeio.

Unhas cravaram-se no meu braço.

— Porra, Eden Jasmine Murphy — sussurrou a Tessa. — O que foi aquilo? E é melhor desembuchares agora, porque já consigo sentir a tua negação a subir e não tens como negar o que quer que aquilo tenha sido.

Agitou uma mão turbulenta no ar, como se pudesse capturar essa sensação.

Algo inatingível, mas real.

— Aquilo? — Deixei os meus olhos seguirem o carro, que se esgueiou da entrada demasiado depressa. — Aquilo era o meu novo chefe.



Arrastá-la para o meu
mundo sórdido é errado.
Mas isso não importa.
A Eden Murphy é minha.

Numa tentativa de conseguir dinheiro extra para ajudar o pai, Eden Murphy vai à procura de um segundo emprego no bar de Trent Lawson, um homem tão aterrador como eletrizante que de imediato se apercebe de que o Absolution não é lugar para ela. Uma rapariga assim tão doce depressa seria destruída por aquele ambiente. E, muito provavelmente, por ele próprio.

Mas Eden consegue convencê-lo a contratá-la, e, apesar das estranhas sensações que ele lhe provoca e de saber que um homem assim tão sombrio e perigoso é a última coisa que ela deverá desejar, a atração entre os dois torna-se difícil de conter.

Bastará um olhar e um toque para que fiquem ávidos daquilo que sabem que não podem ter.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
 topseller.suma
 penguinlivros

ISBN: 978-989-589-651-6



9 789895 896516